

## **Roger Bacon: Reformador e Tradicionalista**

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.  
Bacharel-Licenciado e Pós-Graduado em  
Filosofia Pela Universidade Federal de Mato  
Grosso.

### *Introdução*

Roger Bacon nasceu entre 1210 e 1215, na Inglaterra. Veio para Paris por volta de 1235, onde conheceu Pedro de Maricourt, alquimista que o ensinou a estima pelas ciências empíricas. Rogério não se afeiçoou ao ambiente parisiense. Para ele, os mestres da Universidade de Paris – Alexandre de Hales e Alberto Magno – não passavam de ignorantes, pois não sabiam grego, nem hebraico, além de desconhecerem as ciências matemáticas e a ótica. Regressou à Inglaterra motivado a empreender uma reforma do saber. Ingressou na ordem Franciscana. Voltou a Paris onde entrou em conflito com os seus superiores de hábito, provavelmente por suas ligações com a astrologia e a alquimia. Embora não tenha sido encarcerado, foi forçado a deixar o magistério e só voltou a escrever quando Clemente IV – seu antigo amigo – solicitou que o fizesse. Suas ideias, com acentuadas referências astrológicas e alquimistas, valeram-lhe estar entre aqueles que tiveram as suas teses condenadas em 1277. O *Doutor Mirabilis* morreu quando começava a escrever o *Compendium Studii Theologie*, por volta do ano 1292.

Neste artigo, procuraremos expor aqueles conceitos que mereceram a Roger Bacon o epíteto de reformador do seu tempo. Falaremos da sua concepção da teologia como a rainha das ciências, onde está consignada toda a sabedoria. O direito canônico e a filosofia, outras ciências do seu tempo, na concepção de Roger, tinham como missão precípua elucidar o dado revelado. Depois veremos a sua concepção de filosofia como sendo uma revelação divina. Na perspectiva de Roger, todo conhecimento procede de uma iluminação do intelecto agente, que, para ele, não era nem uma faculdade do intelecto humano, nem um intelecto separado, mas o próprio Deus. Em seguida, dissertaremos sobre a sua ideia de uma revelação

progressiva de Deus aos homens. Para o nosso filósofo, a revelação de Deus dava-se quando os homens eram obedientes à sua lei e tal revelação cessava quando o coração humano se corrompia. Neste sentido, o desenvolvimento das ciências comportou estágios de progressos e retrocessos. Teceremos comentários no que diz respeito à ideia que Bacon tinha sobre o seu século e os doutos do seu tempo, como sendo um século de barbárie e de mestres incautos. Arrolaremos quais são, na percepção de Bacon, as principais fontes desta ignorância. Ele colige quatro fontes: apego às autoridades, aos hábitos, à opinião do vulgo e à ignorância. Acerca de cada uma destas fontes da ignorância, arrazoaremos brevemente. Seguir-se-ão as considerações finais ao texto.

Passemos à análise da teologia como ciência.

### 1. *A teologia como a rainha das ciências*

Para Roger, a sabedoria se apresenta como um ideal eminentemente prático, que consiste na reorganização do homem em sociedade, sob o signo de uma obediência irrestrita a Deus.<sup>1</sup> Cabe ainda à sabedoria realizar a perfeita reforma da Igreja.<sup>2</sup> Agora bem, existe uma só *sabedoria* – una e perfeita – e ela está toda consignada na *ciência teológica*. Como existe um só Deus, um só mundo e um só fim, há também uma só sabedoria, que nos foi dada por um só Deus e para um só fim.<sup>3</sup> Desta sorte, à teologia o título e o ofício de ser a *rainha das ciências*. As demais ciências devem estar-lhe *subordinadas*.<sup>4</sup> Todavia, há pelo menos duas outras ciências que são de todo necessárias para interpretar a própria teologia: o *direito canônico* e a *filosofia*.<sup>5</sup> Portanto, “(...) a filosofia não é mais que a explicação da sabedoria

---

<sup>1</sup> BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 380: “Com sua visão tipicamente anglo-saxônica, Rogério visa a um objetivo eminentemente prático do saber, isto é: à reorganização do homem e da sociedade. A plena realização do ideal da sabedoria terá por efeito a completa sujeição do homem a Deus.”

<sup>2</sup> *Idem. Ibidem*: “A sabedoria conduzirá, também, à perfeita reforma da Igreja.”

<sup>3</sup> GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 591: “A sabedoria total, dize-nos, foi dada por um Só Deus, a um só mundo e para um só fim.”

<sup>4</sup> *Idem. Ibidem*. p. 591: “Há uma só sabedoria perfeita e uma ciência única que domina todas as outras: a teologia.”

<sup>5</sup> BACON, Roger. **Opus Maius**. II, 1; p. 33. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES,

divina pela doutrina e pela conduta moral, e é por isso que há uma só sabedoria perfeita que está contida nas Sagradas Escrituras”<sup>6</sup>.

Passemos a analisar a concepção de Bacon da filosofia como iluminação e revelação divinas.

## 2. A filosofia: iluminação e revelação

Destarte, para Bacon, a *sabedoria filosófica* existe, mas encontra-se totalmente integrada à *sabedoria teológica*. Na verdade, Roger entende que todo o *conhecimento* humano procede de uma *iluminação divina*. Porém, diferentemente de Agostinho e Boaventura, para ele esta *iluminação* não procede do *Verbo*, mas do *intelecto agente*. Na sua concepção, é o *intelecto agente* e não o *Verbo* que ilumina o nosso espírito, a fim de que adquiramos toda e qualquer ciência. É que, do seu ponto de vista, “o intelecto agente não faz parte da alma, como ‘dizem todos os modernos’, mas é idêntico ao próprio Deus”<sup>7</sup>. Sendo assim, Bacon identifica a nossa alma com o *intelecto possível*, incapaz de por si só adquirir ciência ou virtude.<sup>8</sup> Por conseguinte, sem esta *iluminação do intelecto agente*, ser-nos-ia vedado possuir toda e qualquer virtude ou ciência, inclusive a ciência filosófica.<sup>9</sup> Logo, a filosofia, como, de resto, todo o nosso conhecimento, é resultado de uma *iluminação divina*.<sup>10</sup> Agora bem, se todo o nosso conhecimento procede de uma *iluminação divina*, o nosso intelecto não pode conhecer nada sem que a *luz divina* do *intelecto agente* o ilumine.<sup>11</sup> Consoante isto, a própria filosofia se nos apresenta como uma espécie de *revelação divina*, dimanada da *luz divina* do

2000. p. 381: “(...) não há senão uma sabedoria perfeita, que está contida na Sagrada Escritura; *sua interpretação compete ao Direito Canônico e à Filosofia*.” (O itálico é nosso).

<sup>6</sup> *Idem. Ibidem*. In: GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. p. 593.

<sup>7</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 382.

<sup>8</sup> *Idem. Ibidem*. p. 381: “Segundo Rogério, a alma humana é chamada intelecto possível por ser incapaz de adquirir por si mesma a ciência e a virtude.”

<sup>9</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 592: “É, portanto, o intelecto agente que age sobre nossas almas, nela vertendo a virtude e a ciência, de tal sorte que somos incapazes de adquiri-las por nós mesmos, devendo recebê-las de fora (...)”.

<sup>10</sup> *Idem. Ibidem*: “Duas razões decisivas provam, de fato, que a filosofia faz parte da teologia e se subordina a ela. *A primeira é que a filosofia é o resultado de uma iluminação divina em nosso espírito*.” (O itálico é nosso).

<sup>11</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 381: “Pelo que tem de recebê-las de outra parte, isto é, do intelecto agente, que lhe ilumina o entendimento e o conduz à sabedoria e à virtude.”

*intelecto agente*<sup>12</sup>, com a finalidade de elucidar a *sabedoria teológica* contida nas Sagradas Escrituras.

Passemos à consideração dos estágios da revelação divina aos homens.

### 2.1. História e revelação: os estágios da revelação divina

Bacon chega, inclusive, a descrever os estágios pelos quais Deus iluminou o espírito humano para que este adquirisse a sabedoria e a virtude. Com efeito, como consequência de a filosofia e todo o conhecimento humano serem oriundos de uma *revelação divina*, Roger acresce que há uma *filosofia* já *implícita* na própria Bíblia. Neste sentido, aponta para o fato de “(...) as mesmas pessoas que receberam a Lei terem recebido igualmente de Deus a plenitude da filosofia, a saber, os santos Patriarcas e Profetas; e isto, desde o início do mundo”<sup>13</sup>. Aduz em favor desta tese, o fato de os filósofos pagãos e os poetas serem todos posteriores aos primeiros e verdadeiros filósofos, que são os da linhagem de Seth e Noé.<sup>14</sup>

Ora, numa página curiosíssima, Bacon atribui a *longevidade* dos primeiros patriarcas a um especial *benefício divino*, a fim de que pudessem completar as suas *descobertas filosóficas*. Assim, por meio de *experiências*, puderam avançar, sobretudo no que toca à *astronomia*, nas coisas que concernem à *filosofia*: “Portanto, Deus lhes revelou tudo e lhes concedeu vida longa para lhes permitir completar a filosofia por meio de experiências (...)”<sup>15</sup>. Este foi o primeiro estágio e período áureo da filosofia. Houve, porém, um segundo, que sucedeu a este, no qual o homem, pelo seu *pecado* e *malícia*, afastou-se de Deus, o que fez com que Este lhe obscurecesse o coração, denegando-lhe, desta sorte, todo o saber. Em razão disso, o entendimento humano *degenerou-se*.<sup>16</sup> Em tal fase da História cultivaram-se a

---

<sup>12</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 592: “Em segundo lugar, e por uma consequência direta do que precede, a *filosofia é o resultado de uma revelação*.” (O itálico é nosso).

<sup>13</sup> BACON. *Op. Cit.* II, 9; p. 44. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 383; Roger Bacon. **Opus Maius**. II, 16. In: ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. 2<sup>o</sup> ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 1996. p. 105: “O poder de toda filosofia está contido nas Sagradas Escrituras.”

<sup>14</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 592: “Os filósofos pagãos (...) são, todos eles, posteriores aos filósofos verdadeiros e fiéis, que foram os descendentes de Seth e Noé.”

<sup>15</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>16</sup> *Idem. Ibidem*: “Mas, em seguida, a malícia dos homens e seus abusos de todos os tipos tornaram-se tais, que Deus obscureceu seu coração e que o emprego da filosofia caiu em desuso.”

*idolatria e o politeísmo*. Bacon fala dos *falsos mestres* que floriram neste estágio: Atlas, Prometeu, Mercúrio, Trismegisto, etc.

Mas há ainda um terceiro estágio, onde a *transmissão da revelação divina* ao homem é *restaurada*. Neste período, aprouve a Deus arrancar a humanidade das trevas do *obscurantismo*. É a época de um grande sábio, o rei Salomão. Segundo Bacon, Salomão é um dos *príncipes da verdadeira filosofia*: “É preciso chegar ao tempo de Salomão para se assistir a uma espécie de renascença e ver a filosofia encontrar sua perfeição primeira”<sup>17</sup>. É o segundo apogeu da filosofia. Após Salomão, vemos novamente a *filosofia* cair em desuso até Tales que a *ressuscita e cultiva*.<sup>18</sup> Contudo, na percepção de Bacon, é com Aristóteles que a filosofia atinge o seu *cume*, embora reconheça as limitações da ciência do seu tempo.<sup>19</sup>

Depois, por diversas razões, dentre as quais Bacon elenca os cataclismos orientais, a falta de cópias e a incúria de “mestres” ignaros, deveras vitimados não só pelo simples desdouro às obras do Filósofo, mas também pela ignorância da verdadeira interpretação da sua doutrina, o próprio Aristóteles é olvidado durante séculos; seus escritos, ignorados e perdidos, só são redescobertos pelo desvelo de alguns homens: Avicena, Averróis, entre outros.<sup>20</sup> Entretanto, segundo o nosso filósofo, o ocidente latino ainda está longe de possuir a obra completa de Aristóteles e a sua adequada interpretação, inobstante as numerosas traduções já existentes.<sup>21</sup> Agora bem, eis a missão de todo cristão probo do seu tempo: resgatar a filosofia aristotélica, bem como a sua mais acurada interpretação, para colocá-la a serviço da teologia: “E’ neste ponto que deve começar o trabalho dos cristãos, que têm a obrigação de pôr a filosofia inteira a serviço da teologia”<sup>22</sup>.

Passemos às considerações no que concerne ao juízo de Bacon acerca do seu tempo.

---

<sup>17</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>18</sup> *Idem. Ibidem*: “Depois de Salomão, o estudo da sabedoria desaparece de novo por causa dos pecados dos homens até Tales retomá-la e seus sucessores desenvolverem-na de novo.”

<sup>19</sup> *Idem. Ibidem.* p. 592 e 593: “Chegamos, assim, a Aristóteles, que tornou a filosofia tão perfeita quanto ela podia sê-lo em seu tempo.”

<sup>20</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 384: “Contudo, também a obra de Aristóteles caiu no esquecimento. Por longo tempo uma parte considerável da sua filosofia não recebeu a menor atenção. Procurando uma explicação para o fato, Bacon sugere como possíveis razões: a falta de cópias suficientes, as dificuldades de interpretação, a inveja dos adversários, as inúmeras guerras que inquietaram o Oriente. Tal estado de coisas perdurou até que Avicena, Averróis e outros a tiraram do olvido, recolocando-a na plena luz da interpretação.”

<sup>21</sup> *Idem. Ibidem*: “Rogério acrescenta que, a despeito das numerosas traduções já existentes, os Latinos estão longe de dispor da completa de Aristóteles.”

<sup>22</sup> *Idem. Ibidem.*

## 2.2. O século XIII: um século de barbárie

Ora bem, sob este aspecto, ou seja, a história vista a partir das intervenções de Deus iluminando o homem e concedendo-lhe a sabedoria quando este lhe obedece, Bacon considerava o seu século como uma *época de barbárie*, comparável aos períodos de obscurantismo que acabamos de descrever acima.<sup>23</sup> Segundo ele, seus coevos – Alexandre de Hales, Boaventura, Alberto Magno, Tomás de Aquino, etc – não estariam cumprindo com a missão que a Providência lhes dispensou. Desta sorte, os seus ataques aos seus coetâneos, ganham um *tom de denúncia*. De fato, para Bacon, estes são como *falsos profetas*, que *atravancam o progresso do saber*.<sup>24</sup>

Com efeito, como das outras vezes, este *século de trevas* sobreveio devido ao *pecado dos homens*. Tal qual Trismegisto e Esculápio, também os *doutores* do seu tempo merecem censuras. Como *reformador* implacável que era, nem mesmo o Papa escapava às suas críticas mordazes.<sup>25</sup> Bacon se considerava um verdadeiro *arauto da sabedoria*, um *restaurador da verdadeira filosofia*, como o foram Salomão e Aristóteles antanho.<sup>26</sup>

Ademais, pela própria forma com que descreve esta espécie de *revelação filosófica*, Bacon parece mesmo admitir que ela seja necessariamente *gradual* e que, portanto, possa sempre comportar verdadeiros *progressos*. Na verdade, a *filosofia* nunca conseguirá explicar todas as coisas do mundo, donde estar sempre *aberta* a novas *descobertas*. Contudo, esta “evolução” dependerá da *retidão moral* do homem para desvencilhar-se das *fontes da sua ignorância* e para assimilar o *procedimento adequado* à consecução de um saber verdadeiro. Desta feita, o *progresso das ciências* permanece sempre possível; porém, condicionado por uma *ética religiosa*, poderá ser sempre *interrompido* pela *corrupção do coração humano*.<sup>27</sup>

---

<sup>23</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média**. p. 593: “O pensamento secreto que anima Bacon é que o século XIII é uma *época de Barbárie* análoga às duas precedentes que a humanidade teve que atravessar por causa de seus pecados.”

<sup>24</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) os ataques violentos a que se entrega contra Alexandre de Hales, Alberto Magno e Tomás de Aquino são as reações naturais do *reformador*, cuja ação os falsos profetas contrariam e retardam.”

<sup>25</sup> *Idem. Ibidem*: “(...) a linguagem de reformador e de restaurador com a qual se dirige ao próprio Papa (...)”.

<sup>26</sup> *Idem. Ibidem*: “Como pode ele, pois, conceber sua própria missão, senão como análoga às de Salomão e Aristóteles? Foi ele que encontrou a idéia por tanto tempo esquecida da verdadeira filosofia e que conhece o método graças ao qual esse edifício destruído poderá se reerguer de suas ruínas.”

<sup>27</sup> *Idem. Ibidem*. p. 594: “A filosofia nunca pode chegar a ser verdadeiramente completa e nunca teremos acabado de explicar o detalhe do vasto mundo em que nos achamos situados. *Descobertas propriamente novas são, pois, e sempre serão, possíveis*, contanto que se empreguem os verdadeiros métodos que nos permitirão realizá-las.” (Os itálicos são nossos).

Agora bem, como vimos, nesta *história da revelação* há períodos de *apogeu* e de *decadência*. Eles se alternam, conforme cada geração saiba ou não reconhecer o legado que as gerações anteriores confiaram-lhe.<sup>28</sup> Importa destacar que a restauração que Bacon cuida propor não é uma volta ao passado para nele ficar estacionado. De fato, se a reforma proposta pelo nosso filósofo comporta, por um lado, um necessário retorno aos antigos, por outro, implica também e simultaneamente, um progresso em relação a eles, naquilo que eles foram ainda defectíveis na persecução da sabedoria.<sup>29</sup>

Passemos a falar sobre as quatro fontes da ignorância.

### 3. As quatro fontes da ignorância

Ora, como missão reformador, Bacon dá-se ao trabalho de enumerar os quatro maiores empecilhos para o progresso da filosofia, inclusive para o seu tempo: a crença em autoridades não fidedignas; os costumes ou hábitos; a opinião do vulgo, e, finalmente, a estultice disfarçada como exibição de uma sabedoria aparente.<sup>30</sup>

De fato, nada é mais nocivo para o saber científico do que argumentos como estes: isto é verdade *porque outros maiores assim disseram*; isto é verdade *porque é costume que seja assim*, ou, ainda, isto é verdade *porque todos pensam ser*.<sup>31</sup> Com efeito, mestres que se valem de tais argumentos, podem até ser chamados de mestres pela multidão, mas, na verdade, são tão mestres quanto um olho pintado numa pedra é olho!<sup>32</sup> Não bastassem as

<sup>28</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 383 “Há épocas conscientes da herança do passado, como as há lamentavelmente esquecidas delas; esses períodos se alternam no decurso da história.”

<sup>29</sup> *Idem. Ibidem*. p. 382: “Sem dúvida, os antigos nos legaram uma herança capaz de melhorar de muito a condição humana. A nós, os descendentes, cabe a tarefa de suprir-lhes as deficiências, a menos que preferamos proceder à maneira dos irracionais, que desconhecem o progresso.”

<sup>30</sup> BACON, Rogério. *Op. Cit.* I. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 193: “Os maiores obstáculos à compreensão da verdade, que estorvam a todo e a qualquer um por mais sábio que seja e não permitem a quase ninguém chegar ao verdadeiro título de sabedoria, são quatro, a saber: *o exemplo da autoridade frágil e indigna, a longa duração do costume, o pensamento do vulgo imperito e o ocultamento da própria ignorância com exibição de sabedoria aparente.*” (O itálico é nosso).

<sup>31</sup> BACON. *Op. Cit.* I. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000: “Pois em todos os atos da vida, do estudo e de todo negócio usam, para estabelecer a mesma conclusão, de três péssimos argumentos, a saber: *isto foi exemplificado pelos maiores, isto é costume, isto todos sabem; portanto deve ser tido como verdade.*” (O itálico é nosso).

<sup>32</sup> BACON. *Op. Cit.* I. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 195: “Falo, pois, dos autores sofisticados da multidão insensata, que são autores em sentido equívoco, *assim como um olho de pedra ou pintado tem o nome de olho, mas não a virtude.*” (O itálico é nosso).

limitações do nosso intelecto – diz Bacon – ainda temos que suportar tais homens, que nos levam a tais erros.<sup>33</sup>

Mas consideremos, separadamente, cada um destes entraves para o progresso da sabedoria.

### 3.1. Crítica à autoridade

Segundo Roger, cumpre afirmar que a primeira condição para o progresso filosófico é desvencilhar a filosofia da *superstição*, que procede da *crença cega* nas autoridades. Isto significa dizer que quem se deixa conduzir unicamente por autoridades se comporta como um cego que se deixa guiar por outro cego. No entanto, não é contra toda e qualquer autoridade que Bacon se levanta, mas somente contra aquelas que, segundo ele, são presunçosas, visto que desprovidas da verdadeira sabedoria e motivadas apenas por vanglória.<sup>34</sup>

### 3.2. A nocividade dos hábitos

Uma segunda condição é necessária quando se tem em vista possibilitar o progresso da filosofia, qual seja, um *cuidado com os hábitos*, pois o homem tende naturalmente a imitar os outros homens.<sup>35</sup> Com efeito, se a maioria dos homens fossem bons e virtuosos, isto seria um grande bem. Contudo, os homens não são, em sua grande maioria, bons.<sup>36</sup> Aliás, é por isso que existiram tão poucos filósofos e mesmo os que foram bons filósofos estiveram longe da

---

<sup>33</sup> BACON. *Op. Cit.* I. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 193: “Razão pela qual nos basta, na pesquisa da verdade, a fraqueza do próprio intelecto, de tal modo que releguemos o quanto pudermos para mais longe da debilidade de nosso pensamento as causas e ocasiões estranhas de erro.”

<sup>34</sup> BACON. *Op. Cit.* p. 3 s. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 378: “De nenhum modo quero referir-me à sã e verdadeira autoridade (...) mas àquela que muitos se arrogam neste mundo (...) não em vista dos méritos de sua sabedoria, mas por presunção e vanglória. Tal é a autoridade que a massa insensata atribui a muitos, para sua própria ruína, segundo os justos juízos de Deus (...).”

<sup>35</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã**. p. 378: “Todos conhecemos o pendor imitativo do homem (...).”

<sup>36</sup> *Idem. Ibidem*: “Nada de mal haveria nisto (na imitação), se os homens, na sua maioria, fossem bons e virtuosos. Infelizmente, não é o caso.”



perfeição, como é o caso do próprio Aristóteles.<sup>37</sup> Por isso, a verdade vive sempre sendo atropelada por muitos erros e nós nos acostumamos muito mais aos vícios do que com as virtudes: “E assim sucede que para cada exemplo de verdade ocorrem mil erros”<sup>38</sup>.

### 3.3. *Não seguir a opinião do vulgo*

Mas há ainda uma terceira condição para promover o progresso das ciências filosóficas, a saber, não se ater à opinião do vulgo. A verdade, a competência e a autoridade genuínas são virtudes raras. Encontramo-las em poucos homens e não na massa.<sup>39</sup> De fato, nem mesmo entre os religiosos se podem encontrar muitos sábios.<sup>40</sup> Entre os leigos, são poucos os que, como Moisés, ousam subir aos píncaros da verdadeira sabedoria.<sup>41</sup> Resta para nós o eloquente exemplo de Nosso Senhor que, quando se transfigurou, fez-se acompanhar por apenas três discípulos. Por fim, a mesma multidão que se beneficiara dos milagres de Cristo, foi a que gritou depois: “Crucifica-o!”<sup>42</sup> Conclusão: o que almeja a sabedoria não deve deter-se no que diz o vulgo.

Os filósofos, assinala Gellius, encontravam-se nas caladas da noite para fugirem da rudeza da plebe. Longe de se deixarem manipular por ela eram eles que a manipulavam. É que as multidões deixam-se levar por qualquer vento de doutrina e quando obtêm algum conhecimento relevante, fazem mau uso dele. A sabedoria não habita nos umbrais das turbas. Por isso, tão inútil quanto procurar a sabedoria nelas é querer transmitir-lhes qualquer ensinamento.<sup>43</sup> Frisa Philotheus Boehner, que Bacon, ao calcar aos pés com suas críticas

---

<sup>37</sup> *Idem. Ibidem*: “Não é de estranhar, à vista disso, que o número dos filósofos seja tão diminuto, e que a filosofia não consiga impor-se à multidão. Tanto mais que os próprios filósofos estão longe de serem perfeitos. O mesmo Aristóteles não logrou atingir o ideal da sabedoria.”

<sup>38</sup> *Idem. Ibidem*.

<sup>39</sup> *Idem. Ibidem*. p. 379: “A aquiescência às opiniões correntes é sinal de estultice, pois não é na massa que se encontra a verdadeira autoridade e a competência genuína, e sim em alguns poucos homens sábios.” (O itálico é nosso).

<sup>40</sup> *Idem. Ibidem*: “Mesmo entre os religiosos é raro encontrar-se o meio termo da perfeição; a maioria não consegue transpor-lhe a periferia.”

<sup>41</sup> *Idem. Ibidem*: “O mesmo se dá com os leigos. Quão poucos se animam a escalar, como Moisés, a montanha sagrada!”

<sup>42</sup> *Idem. Ibidem*: “Cristo se fez acompanhar de apenas três discípulos ao subir o monte da transfiguração. E o povo, que por dois anos o seguira, terminou vociferando: Crucifica-o!”

<sup>43</sup> BACON. *Op. Cit.* p. 10 e 11. In: BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7ª ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. p. 379. “Diz Gellius: Só o tolo trata com alface um burro, que se contenta de cardos. O escritor alude à plebe, a que basta o

vorazes o vulgo, não se referia somente aos iletrados e ignorantes; ao contrário, faz parte do rol de suas mais terríveis críticas, os ilustres professores da universidade de Paris do seu tempo: Alexandre de Hales e Alberto Magno, por exemplo.<sup>44</sup>

### 3.4. A ignorância disfarçada

Existe, enfim, um último empecilho para o desenvolvimento da filosofia ao qual devemos estar atentos. Tal é o que podemos chamar de *a ignorância disfarçada de sabedoria*. Com efeito, quando aprendemos alguma coisa, por mais frívola que seja, tendemos a apregoá-la aos outros.<sup>45</sup> Assim, aqueles que não possuem a verdadeira sabedoria, como se não bastasse estarem eles próprios na ignorância, desejam alastrar as suas doutrinas falaciosas por todos os lugares e até mesmo para todo o povo.<sup>46</sup> No número daqueles que pretendem escamotear a sua ignorância com “pseudo-conhecimentos”, Bacon coloca, entre outros, Alberto Magno e Tomás de Aquino: “O defeito de Alberto, de seu discípulo Tomás e de muitos outros é querer ensinar antes de ter aprendido”<sup>47</sup>.

Outra faceta do ignorante é que, quando não consegue sequer disfarçar a sua *estultice*, procura vilipendiar as questões que ignora e menoscabá-las, atacando-as com críticas aleivosas e desconsiderando-as apenas por empáfia. Sem embargo, quem quer persistir na sua ignorância, procura a todo custo manter um conceito elevado acerca de si mesmo e dos seus conhecimentos, e, por consequência, esmera-se em menosprezar os outros.<sup>48</sup> Segundo Bacon, o ignorante prefere repudiar o conhecimento a ter a descoberto a

alimento rude, ordinário e imperfeito da sabedoria. Pois, tola como que é, a multidão curva-se docilmente às mais diversas influências. E' incapaz de ocupar-se com assuntos elevados. E se uma vez ou outra, e por acaso, obtém algum conhecimento deles, é só para fazer o mau uso dos mesmos (...).”

<sup>44</sup> BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã*. p. 380: Seu alvo preferido é o “vulgo parisiense” (*Vulgus Parisius*), ou seja, os professores e alunos da Universidade de Paris. Dentre as celebridades da época, suas vítimas principais são Alberto Magno e Alexandre de Hales.”

<sup>45</sup> *Idem. Ibidem*. p. 379: “Por exemplo: assim que aprendemos qualquer coisa, por insignificante que seja, logo pensamos ter que apregoá-la aos quatro ventos.”

<sup>46</sup> *Idem. Ibidem*. p. 380: “Visto que toda a gente tem amor aos frutos de sua atividade, e visto que a errar sozinho se prefere alardear as próprias opiniões, nós tendemos não só a impor aos outros as ficções do nosso espírito, como também difundi-los o mais possível entre o povo.”

<sup>47</sup> GILSON. *A Filosofia na Idade Média*. p. 595.

<sup>48</sup> BOEHNER, GILSON. *História da Filosofia Cristã*. p. 379 e 380: “Pois quem persiste no propósito de achar escusas para a sua burrice, é levado a apelar constantemente ao frágil argumento da autoridade, *a exagerar o que é seu e a achar falta no alheio*.” (O itálico é nosso).

sua verdadeira identidade de ignorante.<sup>49</sup> Como as prostitutas que disfarçam o que são, pintando-se, os ignorantes tendem a dissimular o seu desconhecimento repugnando e repelindo o próprio conhecimento: “Como as prostitutas pintam os rostos, assim dissimulamos a nossa ignorância com toda sorte de frivolidades”<sup>50</sup>.

Passemos às considerações finais do nosso texto.

### *Conclusão*

Para Bacon, os *filósofos gregos* se apresentam como sendo os sucessores e continuadores dos *patriarcas e profetas hebreus*.<sup>51</sup> Destarte, a própria *história da filosofia* se confunde com a *história da religião judaico-cristã*<sup>52</sup>, sendo que esta antecedeu àquela e sendo que ambas compreendem estágios de uma mesma e única *história: a história da revelação de Deus ao homem*. A sabedoria é um dom de Deus, uma iluminação divina que irrompe e divide a história; quando o homem lhe é obediente, Deus se revela a ele e há sempre um *progresso* nas ciências e em todas as coisas humanas. Todavia, quando o coração humano perverte a *ordem divina*, Deus deixa de iluminar-lhe o intelecto e um período de decadência inexoravelmente se inicia. Ora, só a misericórdia e a graça de Deus poderão arrancar o homem deste declínio, a fim de que uma nova etapa da revelação se inicie e haja um novo “progresso”. Torna-se evidente, portanto, que, na *história das ciências* e da própria *filosofia*, a *ética religiosa* é decisiva e a intervenção divina, inolvidável. Em uma palavra, o aspecto religioso, na concepção de Bacon, desempenha um papel de *divisor de águas* na história das ciências.

---

<sup>49</sup> *Idem. Ibidem.* p. 379: “Quando não podemos disfarçar a ignorância, nem aparentar algum saber, passamos a menoscar as coisas que desconhecemos, a descurá-las, a reprová-las, e até mesmo a negar-lhes a existência, para não correremos o risco de passar pelo que realmente somos: uns ignorantes.”

<sup>50</sup> *Idem. Ibidem.*

<sup>51</sup> GILSON. **A Filosofia na Idade Média.** p. 593: “Os filósofos gregos são, pois, discípulos e sucessores dos hebreus (...)”.

<sup>52</sup> BOEHNER, GILSON. **História da Filosofia Cristã.** p. 383. “De sorte que a história da filosofia se reduz à exposição do processo de transmissão da Revelação original.”

## **BIBLIOGRAFIA**

BACON, Roger. **Opus Maius**. In: BONI, Luiz Alberto de. **Filosofia Medieval: Textos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup>. ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In: ZILLES, Urbano. **Fé e Razão no Pensamento Medieval**. 2<sup>o</sup> ed. Porto Alegre: EDIPURCS, 1996.

BOEHNER, Philotheus, GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa**. 7<sup>a</sup> ed. Trad. Raimundo Vier. Petrópolis: VOZES, 2000. pp. 373 a 393.

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995. pp. 590 a 598.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.  
This page will not be added after purchasing Win2PDF.